

CAPOEIRA ANGOLA E A CONSTRUÇÃO DE UM SENTIDO DE MUNDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Patrícia Medrado de Oliveira²

RESUMO

Este estudo busca investigar e evidenciar as potencialidades e as possibilidades de construção de um sentido/leitura de mundo na Educação Infantil a partir da Capoeira Angola. Seu principal objetivo é, portanto, pensar como essa arte milenar afrocentrada ao estar presente na Educação Infantil pode contribuir, articular e influenciar na construção de uma sentido e leitura de mundo afrorreferenciada, emancipatória e decolonial das nossas crianças em fase de desenvolvimento. A partir de uma metodologia alicerçada em pesquisas bibliográficas, tomando como base referências teóricas devolvidas por pesquisadores que elaboraram trabalhos pertinentes no campo da Educação Infantil, da Capoeira Angola, da afrocentricidade, da educação sobre as relações étnico-raciais, das epistemologias sociais, críticas e negras, buscamos explorar a intersecção entre cultura e educação para evidenciar ainda mais e reconhecer a importância histórica, social e política da Capoeira Angola nos processos de desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave: capoeira angola; educação infantil; relações raciais; descolonização.

ABSTRACT

This study seeks to investigate and highlight the potentialities and possibilities of constructing a sense/reading of the world in Early Childhood Education based on Capoeira Angola. Its main objective is, therefore, to consider how this ancient Afrocentric art, when present in Early Childhood Education, can contribute, articulate and influence the construction of an Afro-referenced, emancipatory and decolonial sense and reading of the world for our children in the development phase. Using a methodology based on bibliographical research, taking as a basis theoretical references returned by researchers who have produced pertinent works in the field of Early Childhood Education, Capoeira Angola, Afrocentricity, education on ethnic-racial relations, social, critical and black epistemologies, we seek to explore the intersection between culture and education to further highlight and recognize the historical, social and political importance of Capoeira Angola in the processes of children's development.

Keywords: capoeira angola; early childhood education; race relations; decolonization.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Bruno Amaral Andrade.

² Graduanda na Licenciatura em Pedagogia e Bacharela em Humanidades pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

A capoeira é um importante patrimônio imaterial da humanidade, é uma arte multidimensional, que envolve ao mesmo tempo dança, luta, jogo e música (Castro, 2007). Ela carrega um conjunto de saberes ancestrais e representa um universo gigante de luta e transformação social, sendo um instrumento pedagógico, musical e, sobretudo, de resistência da nossa cultura afro-brasileira.

Em virtude desse encontro ancestral, entre mim e a Capoeira Angola, e o entrelaçamento com a minha formação acadêmica como futura Pedagoga, dedico-me a estudar as potencialidades e as possibilidades de construção de um sentido/leitura de mundo na Educação Infantil a partir dessa arte milenar afrocentrada.

Ao estar inserida no universo da Capoeira Angola, pertencendo ao grupo Bando Maré de Março, do Mestre Guaxini do Mar, tive a oportunidade de conhecer e viver a capoeira, e através dessas vivências pude perceber e sentir que a dimensão do meu ser ligada à espiritualidade expandia-se. Ao sentar em uma roda, regida pelo som do berimbau, sentindo e emanando axé, essa energia e força que se dá e se recebe na roda da capoeira.

Nesse universo da Capoeira Angola aprendo a ler o que ainda não foi escrito, interpretando os desenhos das corporeidades que dançam comigo na roda. É a partir da capoeira que venho aprendendo de forma contínua a ampliar o meu olhar sobre as coisas, sobre a vida e o mundo. Ao viver a capoeira, aprendo a me relacionar com o outro e comigo mesma, tendo o compromisso e o respeito com aqueles que vieram antes de mim.

É na capoeira que fortaleço a minha identidade individual e coletiva, que me reconheço como ser social e histórico, um ser de transformação, herdeira de uma tradição viva, negra e de resistência, que carrega uma memória ancestral e restabelece a conexão com uma ancestralidade oriunda de tempos primordiais.

Como nos diz o lendário Mestre Pastinha “Cada qual é cada qual, e ninguém joga do meu jeito”. É nesse movimento criativo e improvisado que expresso e busco os fundamentos, os saberes maturados dos mais antigos para construir a minha identidade nessa “roda dos saberes”, do jogo em si, brincando com os olhares, afetando e sendo afetada, comunicando através do não dito.

Nesse sentido, ao me reportar aos princípios dessa tradição popular, milenar, ancestral e ativamente viva, proponho-me a pensar como a Capoeira Angola ao estar presente na Educação Infantil pode contribuir, articular e influenciar na construção de uma sentido e leitura de mundo afrorreferenciada, emancipatória e decolonial das nossas crianças em fase de desenvolvimento. Ela atua, portanto, nos aspectos motores, sociais, cognitivos e emocionais, uma vez que segundo Araújo e Machado (2015, p. 99), "os movimentos da capoeira nos permitem obter e criar visões de mundo dos mais diversos ângulos e posições".

Nesse âmbito, ao praticar a Capoeira Angola, essa arte caracterizada por um jogo de perguntas, composta de movimentos furtivos, executados de modo rasteiro, cheio de malícia e “malandragem”, que encarna o saber, a tradição e a ancestralidade dos africanos e proporciona uma relação de continuidade direta entre presente e passado, perpetuamos um legado cultural que une pessoas de diferentes idades, culturas e origens e nesse movimento nos conectamos com as raízes afro-brasileiras. O que nos promove um entendimento mais amplo de cultura, identidade e comunidade.

Deste modo, se faz cada vez mais necessário o desenvolvimento de pesquisas que explorem essa intersecção fundamental entre cultura e educação. Isto possibilitaria evidenciar ainda mais e reconhecer a importância histórica, social e política da Capoeira Angola nos processos de desenvolvimento das crianças.

Assim sendo, ao pensar e discutir a Capoeira Angola no contexto da Educação Infantil como um elemento de incentivo à valorização da história e cultura afro-brasileira e africana, coloco em pauta questões e temáticas que envolvem as relações étnico-raciais e o combate ao racismo. Analise esta que contribui para a aplicação da Lei Federal 10.639/03³ que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas instituições de ensino.

Além disso, a Capoeira Angola na Educação Infantil surge como possibilidade de implementação de um currículo intercultural e multicultural que fomenta a difusão da nossa cultura, fortalece a identidade e subjetividade dos sujeitos em um processo de emancipação

³ A 10.639/2003 e a 11.645/2008. Elas alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional -LDB, para incluir a obrigatoriedade das temáticas História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

política e identitária, resgatando e solidificando a memória coletiva, que é de extrema importância para a continuidade de um povo.

Para tanto, ao buscar através do presente estudo identificar e analisar de que modo a Capoeira Angola proporciona a constituição de um sentido/leitura de mundo crítica e afrorreferenciada nas nossas crianças no contexto da Educação Infantil, traço um percurso metodológico a partir de uma abordagem qualitativa interpretativa, empregando o método de pesquisa bibliográfica. Alicerçado em referências teóricas que possibilitam fundamentar e fortalecer os argumentos aqui expostos, procuro dialogar e refletir sobre as ideias, conceitos e teorias de pesquisadores que elaboraram trabalhos pertinentes no campo da Educação Infantil, da Capoeira Angola, da afrocentricidade, da educação sobre as relações étnico-raciais e das epistemologias sociais, críticas e negras.

2 CONTEXTUALIZANDO A CAPOEIRA

Refletir sobre a origem da capoeira torna-se um elemento fundamental para uma análise inicial sobre o fenômeno. Ao nos debruçarmos na literatura existente acerca dessa temática nos deparamos com duas versões mais conhecidas; uma que nos diz que essa expressão cultural advém de uma cerimônia realizada em Angola, África, chamada N'golo, dança da zebra, esta cerimônia seria para comemorar a passagem da mulher para a fase adulta, disponibilizando-a para o casamento, assim dois homens a disputavam através de uma luta dançante e animada pelos sons de atabaques. (Castro, 2007).

A outra versão, nacionalista, nos diz que a capoeira nasceu no Brasil, com a mistura de diversas lutas, danças, rituais e instrumentos oriundos de várias partes da África, trazidos pelos escravizados (Capoeira, 2002).

Nesse cenário, Matthias Assunção (2011), enfatiza que a narrativa que se refere a história do N'golo, permitiu construir uma alternativa frente à narrativa nacionalista que nega a contribuição cultural africana, no processo de construção dessa arte. Nesse âmbito, Assunção (2011) nos mostra uma nova perspectiva para pensarmos sobre a origem da capoeira. Para ultrapassar o impasse criado pelo conflito entre essas duas narrativas, traz para a discussão o

conceito de criouliização, que nos ajuda a compreender as expressões culturais a partir de um processo de reestruturação das práticas africanas anteriores.

Assim, sugere que a capoeira, em seu processo formativo, combinou e reestruturou vários jogos de combate africanos em um movimento de continuidade e adaptação, permitindo uma prática aberta a todos, por não ser restrita a um grupo étnico específico (Assunção, 2011).

Ao desvelar o percurso para compreendermos a capoeira, é possível perceber que essa expressão cultural afro-brasileira foi durante muito tempo conhecida como uma prática de malandros e violentos, ao ser tratada como vadiagem, e, portanto, enquadrando-se nos artigos 295 e 296, localizados no Capítulo IV, intitulado de Vadios e Mendigos, do Código Penal do Império do Brasil, de 1830 (Lopes, 2010).

Dando continuidade à onda repressiva, autoridades como Sampaio Ferraz, buscando conter a evolução da prática da capoeira, passa a perseguir e punir as pessoas que praticavam essa arte, tomando como base o Código Penal de 1890, que definia a prática da capoeira como crime de vadiagem, uma contravenção penal suscetível de prisão (Lopes, 2010).

Nesse cenário de repressão e perseguição, no qual a capoeira era sinônimo de marginalidade, as pessoas que praticavam essa manifestação cultural eram estigmatizadas como vadias e marginais. Ao serem duramente perseguidas, caçadas e recriminadas nas ruas pelas autoridades sob o rigor da lei, eram privadas de uma vida pública e deixadas à margem da sociedade.

Deste modo, o racismo de cunho social e científico que predominou nesse período, se disseminou em diferentes setores e de modos diversos, fazendo prevalecer a exclusividade do uso da repressão violenta para combater as práticas culturais negras por parte de agentes do Estado. Ao utilizar a ciência para justificar o preconceito e a hierarquização das raças, o racismo científico classificava as diferentes raças conforme uma hierarquia biológica, na qual os brancos ocupam a posição superior (Costa, 2006).

Nessa esfera, as ideias trazidas pelas concepções deterministas e biologizantes da eugenia e de um racismo “dito” científico, baseada em crenças etnocêntricas, discriminatórias e violentas, propiciou a construção de valores socioculturais que tinha como base o ponto de vista único e

exclusivo do homem branco, o que encorajou e introduziu ideias potencialmente explosivas que incluíam a segregação racial e o racismo.

Assim, após um longo período de repressão massiva, é no governo de Getúlio Vargas que a capoeira consegue galgar o espaço da legalidade. A partir da participação de grandes mestres, como Mestre Bimba e Pastinha, que em movimentos de transgressão dentro do universo da repressão, nos primeiros anos da República, conseguem influenciar o então presidente a tirar a capoeira do Código Penal (Cordeiro; Carvalho, 2013).

Em 1934, através de um decreto expedido pelo presidente Getúlio Vargas, a capoeira deixou de ser crime e, em 1937, extinguiu-se a lei que proibia a prática da capoeira, descriminalizando-a. Nesse processo de descriminalização, concedeu-se ao Mestre Bimba, o criador da Capoeira Regional⁴, a licença e o registro da Secretaria de Educação, Saúde e Assistência, para o funcionamento de sua escola, com o intuito de classificar a capoeira como um instrumento de Educação Física (Cordeiro; Carvalho, 2013).

O termo capoeira, no entanto, não foi usado na escola de Mestre Bimba, em razão do estigma social a ele associado. A partir da criação das academias, a prática da Capoeira Regional que acontecia nesses espaços, passou a envolver eventualmente, a adesão de uniformes, metodologias de ensino, cursos, técnicas de aprendizagem, métodos pedagógicos rigorosos e avaliações, alcançando alguma visibilidade social como esporte nacional ou como parte do folclore (Silva, Marta, 2016).

Todavia, com a exclusão da capoeira do Código Penal em 1937 e com o seu reconhecimento, como um “esporte genuinamente brasileiro” por Getúlio Vargas, a capoeira no cenário nacional passa a ocupar também os recintos fechados das academias, tornando-se mais acadêmica-desportiva.

⁴ Os três estilos de capoeira mais conhecidos são: Capoeira Regional; Capoeira Angola e Contemporânea. A Capoeira Regional foi criada pelo Manoel dos Reis Machado (1899-1974), sua prática possui atributos de outras artes marciais, na qual o ritmo e os movimentos são executados de forma mais rápida. A Capoeira Angola, organizada por Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981), mais conhecido como Mestre Pastinha, se refere a uma ideia de tradição que remete mais intensamente à africanidade. No que diz respeito a Capoeira Contemporânea, esta envolve elementos tanto da capoeira Angola, como da Regional, e surge num contexto de expansão da capoeira em conexão com a intensificação do movimento de esportivização.

Desse modo, no contexto brasileiro, ao ser considerada pelos setores dominantes da sociedade como um esporte, a capoeira toma rumos controversos e sofre as consequências dos mecanismos disciplinares do biopoder, que tem a capacidade de articular e regulamentar a vida da população em massa.

Sobre esse aspecto

[...] o “Biopoder”, que trata este corpo enquanto máquina para aumentar sua capacidade em suas aptidões para ser dócil e ter utilidade, sendo possível de ser controlado e regulado por meio de intervenções a nível populacional com objetivo de extirpar as problemáticas que causavam adoecimento e subtração das forças desses corpos (Silva; Marta, 2016, p. 6).

Desse modo, levando em consideração que as relações de poder irão exercer influência sobre a vida dos indivíduos, a produção da ideologia de uma identidade nacional apoiada no mito da democracia racial brasileira, faz emergir um novo olhar social em torno da capoeira. Um olhar alicerçado no mito da democracia racial e que está ligado a uma “desafricanização” da capoeira e à subalternização a partir da visibilidade como esporte ou como folclore.

Nesse âmbito, é possível perceber que após muito tempo de luta contra a opressão e em favor da preservação desta arte popular, um passo muito importante nesse movimento de reconhecimento e valorização foi dado, em 20 de novembro de 2008. Nessa data a Roda de Capoeira é registrada no Livro das Formas de Expressão e o Ofício dos Mestres da Capoeira no Livro dos Saberes, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Em novembro de 2014, a Roda de Capoeira passa a ser reconhecida como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela União das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), sendo esta uma conquista muito importante em prol da disseminação da cultura afro-brasileira, uma vez que nas certidões de registro se afirma a conexão da capoeira com culturas africanas, de matriz banto, recriadas no Brasil.

Assim, o reconhecimento da capoeira como Patrimônio Imaterial da Humanidade é de grande relevância para a inserção da mesma nas políticas públicas atuais de valorização e fomento desta prática cultural. Possibilitando reivindicações de direitos culturais, sociais e políticos pela população afro-brasileira, além de potencializar possíveis investimentos maiores e continuados, por parte do poder público, que é provocado a voltar os olhares para essa manifestação popular,

marcada por uma história de resistência, que integra a diversidade cultural da nação e compõe a identidade dos brasileiros.

3 A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Em linhas gerais, por se tratar de uma construção histórica e social, que não decorre de uma natureza evidente, mas sim, por práticas institucionais, as concepções de infância ao longo da história sofreram diversas mudanças e transformações.

Na Idade Média europeia e na pré-modernidade, a infância era vista através da alegada ausência e falta da consciência, permeada pelo processo de invisibilização em uma estrutura totalmente eurocêntrica das sociedades ocidentais (Sarmiento, 2007). Nesse período, apesar de existir outras ideias sobre infância, essa tornou-se hegemônica por causa do paradigma moderno eurocêntrico.

Através de uma dimensão histórico-cultural e socialmente produzida, o conceito de infância se desloca, e hoje, a partir do ponto de vista legal, no Brasil a Lei 8069/1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu Artigo 2º, estabelece que infância é a fase da vida de 0 a 12 anos incompletos (Brasil, 2017). Assim, vendo a infância como uma “categoria social” (Sarmiento, 2008, p. 7), isto é, uma fase da vida específica.

Nesse âmbito, como nos diz o sociólogo Antônio Sérgio Guimarães (2003), os conceitos são dinâmicos. Assim, mesmo diante de uma concepção dominante hegemônica e eurocêntrica sobre a infância que predomina na sociedade, é imprescindível evidenciar aqui a existência de perspectivas alternativas sobre a infância.

Logo, para pensarmos o conceito de infância, saímos desse lugar de uma fase da vida, marcada supostamente pela ausência e falta de consciência, para buscarmos um conceito de infância que emerge a partir da abordagem da afroperspectividade, que entende a infância através de cosmo-sentidos africanos e pindorâmicos para pensar e sentir o mundo (Noguera, 2019).

A partir de uma abordagem pouco comum, Renato Noguera e Marcos Barreto (2018), nos convidam a pensar acerca do conceito de infancialização, que rompe com a visão dominante de

infância. O conceito de infancialização parte do pressuposto afroperspectivista, onde “infancializar é uma maneira de perceber na infância as condições de possibilidade de invenção de novos modos de vida” (Barreto; Noguera, 2018, p. 627).

A partir desse contexto e à luz dos argumentos de Renato Noguera (2019), trataremos da infância a partir de um contexto filosófico afroperspectivista. Em suma:

A afro-perspectividade é um exercício filosófico em diálogo com outras áreas das ciências humanas (especialmente a sociologia da infância) baseado em sentidos de mundo africanos, afro-brasileiros e indígenas de caráter biocêntrico que tem na infância um conceito-chave (Noguera; Alves, 2019, p.6).

Desse modo, reconhecemos a infância como uma condição de experiência humana, que nos possibilita criar novos modos de vida e de viver. Uma vez que Noguera define a infância como “[..] um sentido, ao lado de outros sentidos humanos, uma cosmosensação em que as experiências de olhar, ouvir, tocar, sentir sabores e experimentar odores são notáveis e inaugurais” (Noguera, 2019, p.65-66).

Neste sentido, a infância como uma condição existencial, baseada em sentidos de mundo afroperspectivistas, proporciona a reinvenção de nós mesmos, para percorremos novos caminhos, em um processo de reinventar a vida de acordo com as nossas próprias necessidades. Isto posto, a infância em afroperspectiva é esse movimento de descoberta, é o brincar livre, indagando o mundo e experimentando a vida, como se fosse a primeira vez, produzindo cosmosensações inéditas diante dos desafios da vida (Noguera, 2019).

Dessa forma, quando buscamos compreender a infância em afroperspectividade, que remete aos cosmo-sentidos e articula as possibilidades de sentir e pensar o mundo a partir de todos os sentidos, abrimos mão da tese sobre cosmovisão, utilizada e propagada no Ocidente para sintetizar a lógica cultural de uma sociedade, com base apenas na dimensão visual.

Assim, conforme a pesquisadora e socióloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí, salienta:

O termo ‘visão de mundo’ que se usa no Ocidente para sintetizar a lógica cultural de uma sociedade, expressa adequadamente a prerrogativa ocidental da dimensão visual. Mas, teríamos um resultado eurocêntrico se utilizássemos essa expressão para nos referirmos a culturas que provavelmente dão prioridade para outros sentidos [...] usaremos ‘sentido de mundo’ em referência à sociedade iorubá e outras culturas que podem privilegiar outros sentidos ou uma combinação deles (Oyěwùmí, 2017, p. 39)

Nessa direção, a infância em afroperspectividade viabiliza o ato de educar e cuidar no processo educativo, uma vez que possibilita novas formas de sentir e pensar o mundo.

Nesse contexto, é importante evidenciarmos que a Educação Infantil, a partir do ponto de vista legal, com base no artigo 29 da Lei nº 9.394/96, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos de idade em seus aspectos físicos, afetivo, intelectual, linguístico e social, integrando a ação da família e da comunidade.

Deste modo, pressupõe-se que as creches e pré-escolas, ambientes nos quais a Educação Infantil está presente, ofereçam oportunidades de aprendizagem de diferentes linguagens, que possibilite a construção de conhecimentos. Logo, os profissionais da educação, mestras e mestres populares de notório saber, que atuam nesses espaços, são responsáveis por organizar, selecionar, planejar, mediar e monitorar o conjunto de práticas, interações e brincadeiras, tendo como propósito garantir a pluralidade de vivências, a produção de conhecimentos e de saberes populares que contribuam para o desenvolvimento pleno das crianças.

Nesse âmbito, o saber pedagógico de mestras e mestres de capoeira é de suma importância para desenvolvermos um currículo interdisciplinar, multicultural e intercultural, que envolva as crianças, docentes e comunidade, em ações coletivas. Para tanto, a implementação da Pedagogia Griô, uma pedagogia desenvolvida pelos educadores Lilian Pacheco e Marcio Caires (2006), que propõe a vivência e diálogo entre os saberes e fazeres tradicionais da comunidade e a educação escolar, torna-se de grande relevância nesse processo de construção de uma educação dialógica e emancipatória. Educação esta que atua, portanto, como instrumento para a emancipação dos sujeitos sociais.

Dialogando com Paulo Freire (2000), a constituição de uma educação emancipadora ligada à construção de uma consciência crítica acerca das opressões é essencial, uma vez que é a partir dessa educação que conseguiremos alcançar a libertação política, cultural, humana e social dos sujeitos.

A partir da Pedagogia Griô pode-se, por exemplo, articular uma rede de mestras e mestres griôs, para atuarem em conjunto com a escola, promovendo oficinas, contação de histórias, feiras literárias, entre outras ações pedagógicas. Intervenções estas que envolveram manifestações culturais como a capoeira, o samba de roda, entre outros saberes comunitários oriundos de

tradições orais, um movimento que contribuirá para reconhecer a centralidade da cultura para a educação e para a produção de conhecimento.

Dessa maneira, compreendemos que a Educação Infantil tem o importante papel de assegurar as condições para que as crianças desenvolvam sua criatividade, sua imaginação e suas experiências. Assim, possibilita que a infância, como uma condição de experiência humana, seja vivenciada de forma plena ao proporcionar às crianças o ato de brincar livre, descobrindo o mundo, aprendendo a conviver com outras pessoas, ampliando o conhecimento de si e do outro, se percebendo como um sujeito brincante.

Nesse contexto, nota-se que a Educação Infantil é de grande relevância para o desenvolvimento das crianças ao proporcionar a socialização, que é um processo construído coletiva e individualmente, capaz de dar conta das diferentes maneiras de ser e estar no mundo (Setton, 2011).

Ademais, a Educação Infantil deve se organizar de maneira a incentivar as crianças desenvolverem suas habilidades e aperfeiçoam as capacidades motoras, afetivas, de relação interpessoal e inserção social. Aprendem a expressarem suas emoções e sentimentos, tornando-se sujeitos dialógicos e criativos, além de construírem sua identidade pessoal, social e cultural, através das diversas experiências e interações.

Assim, portanto, torna-se possível a constituição de uma Educação Infantil que aborda a infância e as dinâmicas que ocorrem com as crianças no cotidiano escolar, a partir do conceito de infancialização. Conceito este desenvolvido por Renato Nogueira e Marcos Barreto (2018), que nos apresentam, conforme abordado acima, a perspectiva de que infancializar é tomar a infância como experiência. Uma postura que passa por experimentar a vida de uma maneira brincante, a partir de uma potência criativa que possibilita estabelecer uma relação de abertura epistemológica com o mundo.

Dessa maneira, ao conceber a infância, a partir da afroperspectividade, contribui-se em proveito do processo de emancipação das crianças na Educação Infantil ao reconhecê-las como sujeito de conhecimentos, além de possibilitar que aprendam a ler o mundo. Tal qual nos diz o educador Paulo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1982, p. 9), e nesse

movimento de vivenciar desafios, construindo significados sobre si, os outros e o mundo social e natural, as crianças desenvolvem uma percepção crítica da realidade que estão inseridas.

4 CAPOEIRA ANGOLA, DECOLONIALIDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL AFROCENTRADA

4.1 CAPOEIRA ANGOLA: UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL E EMANCIPATÓRIA

Ao buscarmos refletir sobre a Capoeira Angola enquanto prática decolonial e emancipatória, que expressa e traz consigo resistência, conscientização e uma educação libertadora, identificamos e compreendemos que essa manifestação popular possibilita e contribui na formação de sujeitos protagonistas da sua própria história, da sua alteridade, suas identidades, seus modos de ser e estar no mundo.

A partir da perspectiva decolonial – que se baseia na luta pela decolonialidade do poder, do saber e do ser – a Capoeira Angola emerge como uma poderosa ferramenta de transgressão da lógica imposta pela cultura hegemônica advinda da colonialidade.

Compreendida como matriz de poder que funda a modernidade, a colonialidade opera em proveito da manutenção das relações de poder, a partir da padronização e naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais, de gênero e epistêmicas, atuando no controle das formas de pensar e de viver (Quijano, 2005).

Assim, rompendo com essa lógica, decolonizar-se é desobedecer a ordem vigente da modernidade para buscarmos construir outros modos de ser, poder e viver no mundo.

Desse modo, tal qual enfatiza Pedro Abib, “a capoeira sempre foi decolonial, desde seu surgimento” (Abib, 2019, p.13). Desde o princípio, portanto, esta arte milenar traz consigo esse movimento de subversão e recusa das regras impostas pela modernidade/colonialidade, configurando-se em um importante instrumento de educação.

Ao resgatar a ancestralidade, a memória, a oralidade e a ritualidade encarnada em sua prática, cumpre um papel fundamental do ponto de vista epistemológico e político, fomentando a partir

do aspecto educacional a emancipação social dos sujeitos através da construção e afirmação das identidades (Abib, 2019).

Dentro desse contexto, a prática social e cultural da Capoeira Angola estimula os seus praticantes uma adoção de uma postura questionadora e desafiadora que desencadeia suas potencialidades, o que a caracteriza em um processo pedagógico. Nesse sentido, viabiliza um processo de conscientização coletiva, uma consciência que abre concretas possibilidades de ação, que se baseia nos saberes e nas tradições populares.

Nesse movimento de construção de um futuro decolonial, a Capoeira Angola a partir da sua capacidade de trabalhar valores humanos e permitir a inserção social dos indivíduos, vem proporcionando o aprendizado sócio-cultural e instaurando uma memória coletiva e ancestral. Seguindo esse panorama, como bem nos adverte Walsh (2009), a memória coletiva é a reafirmação do que a tradição nos ensina, do que os antepassados nos ensinam. É o espaço onde o pedagógico e o decolonial estão entrelaçados na prática.

Sob esse entendimento e a luz dos argumentos de Abib (2004, p. 137):

A Capoeira garante aos seus praticantes recursos para criticar a sociedade, tida como contraditória, excludente e autoritária. O que se aprende durante o jogo da Capoeira se torna um aprendizado social, a partir do momento em que o aluno passa a conceber analogias entre a roda da capoeira e a 'roda da vida'.

Seguindo essa perspectiva Sara Abreu e Rosângela Araújo (2015) evidenciam que, a Capoeira Angola apresenta-se como uma práxis educativa transformadora, libertadora e emancipatória. Tal característica se verifica no fato de sua prática focar no desenvolvimento e na autonomia do indivíduo, contribuindo para uma educação mais inclusiva e voltada para o crescimento humano integral.

Logo, fica evidente o quanto a prática da Capoeira Angola e seus processos educativos têm formado sujeitos numa perspectiva decolonial, proporcionado a ressignificação das histórias de vida. Ao estarem inseridos no universo dessa manifestação da cultura popular, muito se aprende sobre a vida, sobre os valores fundamentais para existência humana.

Isto posto, a constituição de uma educação emancipadora, decolonial e sobretudo, uma educação antirracista, inclusiva e intercultural, tem sido viabilizada pela prática da Capoeira Angola, que possibilita uma maior visibilidade e dignidade aos saberes e fazeres das culturas populares.

Ademais, destacamos a importância da prática da Capoeira Angola, no que diz respeito a formação da identidade e alteridade étnico racial dos sujeitos. Configurando-se em uma chave propulsora no processo de valorização da influência africana, contribuindo para a construção de uma sociedade mais equânime através de uma educação antirracista, que desenvolve potencialidades cidadãs.

Portanto, a Capoeira Angola, percebida como uma pedagogia decolonial e emancipatória, foi, e continua a ser, um instrumento de luta, um recurso de emancipação das minorias sociais e através dos seus saberes e práticas, tem o poder de transformar verdadeiramente a educação.

4.2 POTENCIALIDADES AFROREFERENCIADAS DA CAPOEIRA ANGOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao longo da sua história de resistência, a Capoeira Angola, tem se tornado uma importante ferramenta de formação de indivíduos, sobretudo pela sua riqueza cultural e contribuição histórica, social, física e psicológica.

Através do ensino da Capoeira Angola na Educação Infantil, essa arte interdisciplinar que apresenta inúmeros benefícios para o desenvolvimento integral das nossas crianças, podemos trabalhar pedagogicamente com uma diversidade de conteúdos e conhecimentos possíveis, envolvendo, por exemplo, abordagens de cunho histórico, artístico, musical, corporal, cultural e social, entre outras.

Assim, no campo da educação, a Capoeira Angola nos possibilita produzir conhecimento com a potencialidade de atender a comunidade, integrando as pessoas e viabilizando que a população afrodescendente seja protagonista das suas próprias histórias, atuando como agentes e não coadjuvantes.

Nesse âmbito, evocamos e desenvolvemos através da Capoeira Angola uma educação afrocentrada e afrorreferenciada, uma vez que, através da sua prática trazemos referências filosóficas, culturais e epistemológicas, que atravessaram o atlântico com os povos africanos.

Nesse contexto, construímos uma educação tecida pela perspectiva da afrocentricidade. O filósofo Molefi Kete Asante concebe que a “afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (Asante, 2009, p. 93)

Nesse âmbito, tomando como base a perspectiva de Asante (2009), sobre afrocentricidade, compreendemos que trata-se de um conceito que nos conduz ao resgate existencial e autossuficiente da tradição negra, possibilitando nos localizarmos no mundo, a partir da centralidade das nossas culturas e realidade, enquanto povo negro.

Nesse sentido, os processos educacionais afrocentrados, desenvolvidos a partir desse movimento de experimentação, descoberta e ressignificação que a Capoeira Angola proporciona no mundo infantil, vem viabilizando uma educação que valoriza o sujeito, que contribui em proveito da construção da identidade e da formação subjetiva das crianças pretas brasileiras.

Desse modo, a partir da premissa da afrocentricidade, aprendemos e reconhecemos as potencialidades advindas desse movimento humano e cultural, no qual todas as singularidades são valorizadas. Aprendemos a descolonizar nossos olhares e agir orientados por nossas próprias concepções de mundo e valores.

Dialogando com Azoilda Trindade (2005) sobre a ideia dos valores civilizatórios afro-brasileiros, identificamos que a partir das práticas da Capoeira Angola na Educação Infantil, podemos trabalhar e desenvolver princípios ancestrais como: a oralidade, cooperatividade, ludicidade, musicalidade, circularidade e corporeidade (Trindade, 2005).

A partir da mobilização desses valores afrocivilizatórios na Educação Infantil, desenvolvemos junto com as crianças processos educativos assentados em paradigmas afrocentrados,

inspirados na prática da Capoeira Angola, que aciona esse movimento de conscientização, insubordinação, transgressão e emancipação desses sujeitos.

Nessa esfera, assim como Mazama (2019), acreditamos que a partir das escolas afrocentradas, nossas crianças terão a possibilidade de desenvolver uma atitude positiva em relação à cultura e a si próprios, uma vez que, é através de uma educação contra hegemônica que valorizamos o ser, viver e pensar das pessoas negras.

Ao construirmos e trilharmos caminhos afroreferenciados, através da Capoeira Angola no contexto da Educação Infantil, evidenciamos a força e a sabedoria das pessoas oprimidas do nosso país, trazendo suas experiências e vivências no seio das suas comunidades para a sala de aula. Assim, no âmbito educacional construímos uma política cultural que tem como base os saberes tradicionais. Saberes tradicionais da nossa cultura popular que representam importantes terrenos de luta e possibilitam a construção de discursos subversivos, além de gerar valores que permitam a construção e a afirmação da identidade das nossas crianças enquanto pessoas pretas livres, conscientes da sua história.

Nesse contexto, com a prática da Capoeira Angola na Educação Infantil, construímos caminhos alicerçados em uma educação afrocentrada que colabora para o rompimento de um modelo universal de educar, o qual marginaliza as histórias, memórias e experiências de povos africanos e afrodiáspóricos.

A partir da construção e aplicação de uma educação afrocentrada, construímos bases sólidas para a compreensão integral da herança africana, em um processo de fortalecimento da identidade negra, que consequentemente atua em proveito de uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

Assim, a Capoeira Angola apresenta-se como uma fonte inesgotável de experiência e humanidade, na qual temos a oportunidade de experimentar o mundo a partir das nossas próprias perspectivas e conhecimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, trilhamos caminhos para desvelarmos as potencialidades pedagógicas da Capoeira Angola e sua contribuição no processo de desenvolvimento de um sentido e leitura de mundo afrorreferenciada das crianças na Educação Infantil, nesse movimento percebemos que essa manifestação sociocultural afro-brasileira é completa, indivisível e acessível a todos.

Além desses aspectos, apresenta-se como um instrumento facilitador do ensino/aprendizagem escolar por contemplar os vários domínios do desenvolvimento infantil, tais como: cognitivo, psicomotor, afetivo e histórico/social nos quais os sujeitos estão inseridos.

Isto posto, compreendemos que a Capoeira Angola é uma excelente ferramenta pedagógica para o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, que vem atuando diretamente na melhoria da qualidade de vida das pessoas, bem como no sentido da sua conscientização política, fator essencial para que esses indivíduos possam adquirir autonomia e emancipação social.

Ao estar situada no terreno do cotidiano, a Capoeira Angola com sua potência cultural e educativa, possibilita a valorização e legitimação de um currículo escolar que ajuda a validar as vozes e experiências dos sujeitos. Assim, sua filosofia abarca um conjunto de saberes tradicionais que dá alicerce para a construção de autonomia própria e libertária, uma vez que ao estar presente na Educação Infantil estabelece uma educação plural que potencializa aprendizagens.

Nesse contexto, a partir das sabedorias históricas e culturais, fundadas na tradição oral africana e afro-brasileira, a Capoeira Angola oferece uma proposta educativa que é transmitida pelo corpo, pela ancestralidade, pela cultura, pela estética africana e pela tradição oral. Em vista disso, a Capoeira Angola contribui significativamente no processo de desenvolvimento da autonomia das nossas crianças e acaba por se tornar uma escola da vida.

Nesse jogo de tradição popular, as crianças aprendem a ler as relações de poder que estruturam o mundo, aprendendo desde cedo a descolonizar os olhares, por meio de vivências e trocas de experiências que tem como base culturas de matrizes africanas e suas expressões na diáspora. Dessa forma, a Capoeira Angola adentra na Educação Infantil por meio de um movimento decolonial, que possibilita às crianças indagarem o mundo, experimentando e compreendendo

o contexto em que estão inseridas, ao valorizar a sabedoria resultante das suas experiências culturais locais.

O exercício da Capoeira Angola na Educação Infantil, potencializa o processo de aprendizagem ao permitir um encontro dialógico e amoroso, que de forma lúdica e afetiva, oportuniza às crianças espaços em que possam dizer a sua palavra, potencializando as suas próprias experiências.

Assim sendo, a partir da discussão que estabelecemos com esse trabalho, esperamos poder contribuir com o debate acerca da importância e o protagonismo da Capoeira Angola, e da cultura afro-brasileira em geral, nas escolas. Sobretudo, porque ao ser um instrumento que potencializa as múltiplas aprendizagens, também ajuda a quebrar a invisibilidade étnico-racial e combater as violações racistas presentes nesses espaços.

Importa, assim, que mais pesquisas sejam realizadas levando em consideração outras possibilidades de discutir a Capoeira Angola em suas mais variadas dimensões, favorecendo um diálogo amplo e aberto em proveito do descentramento cultural, social e educacional. Além de gerar novas possibilidades para pensar práticas educativas que valorizem os saberes das populações excluídas, suas linguagens, códigos e seus valores, tendo em vista sua emancipação.

Desse modo, acreditamos que a Capoeira Angola ao estar presente na Educação Infantil contribui em proveito do fortalecimento das crianças a partir da perspectiva da afrocentricidade. Nesse sentido, ao se permitirem entrar na roda, um espaço espiralar, as crianças em um encontro com os outros e consigo, se veem, se olham, são ouvidas e sentidas. Na roda, conversam entre si e partilham seus repertórios corporais, em um movimento de integração entre ritmo, corpo e conhecimento que ativa suas potencialidades.

Gingando com o saber, com a arte do brincar, as crianças aprendem a ampliar o olhar sobre as coisas e sobre a vida. Sentem e se constroem no mundo para tornarem-se mestres e mestras das suas próprias vidas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Rosângela Costa; MACHADO, Sara Abreu da Mata. Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 99-112, jul./dez. 2015.
- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola**: cultura popular e o jogo de saberes na roda. Salvador: EDUFBA, 2004.
- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Culturas populares, educação e descolonização. Universidade Federal da Bahia, **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 57, n. 54, p. 1-20, e-18279, out./dez. 2019.
- ASANTE, Molefi. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. Tradução Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 93-110.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Capoeira, arte crioula. **Conferência**, Instituto de História, UFRJ, 6.6.2011.
- BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura**. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- CASTRO, Maurício Barros de. **Na Roda da Capoeira**. Rio de Janeiro: IPHAN-CNFCP, 2008 (catálogo da exposição).
- CASTRO, Maurício Barros de. **Na roda do mundo**: Mestre João Grande entre a Bahia e Nova York. São Paulo: tese de doutorado, Departamento de História Social (FFLCH-USP), 2007.
- COSTA, Sérgio. O branco como meta: apontamentos sobre a difusão do racismo científico no Brasil pós-escravocrata. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 1/2/3, p. 47-68, jan./dez. 2006.
- CORDEIRO, Albert Alan de Sousa; CARVALHO, Nazaré Cristina. Capoeira, do crime à legalização: Uma história de resistência da cultura popular. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.2, nº4 jan-jun 2013. p.68-80. Disponível em:<http://seer.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/417> Acesso em: 05 de abril de 2024.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira**: pequeno manual do jogador. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.34.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, 42.a edição, Caps. 2 e 3.
- FREIRE, Paulo. **“Pedagogia da Indignação”- cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Ed UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982a.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. “Como trabalhar com ‘raça’ em sociologia”. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jan./jun. 2003.

LOPES, Alisson Rafael de Sousa. **A História da Capoeira no Brasil**: Da marginalização à condição de Patrimônio cultural. Trabalho de conclusão de curso de Direito do Centro Universitário do Distrito Federal – UDF. Brasília, 2010.

MAZAMA, Ama. Afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. Trad. Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009, pp. 111-127.

NOGUERA, Renato; BARRETO, Marcos. Infância, Ubuntu e Teko Porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 625-644, set.-dez. 2018.

NOGUERA, Renato. Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. n° 31, p. 53-70, mai-out 2019.

OLIVEIRA, Eduardo. Capoeira e Filosofia. In: FREITAS, Joseania (Org.). **Uma coleção biográfica – os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: Edufba, 2015.

OYĒWUMÍ, Oyèrónkẹ. **La invención de las mujeres**: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Traducción de Alejandro Montelongo González. Presentación de Yurderkis Espinosa Miñoso. Bogotá, Colômbia: Editorial en la Frontera, 2017.

PACHECO, Lílían. **Pedagogia Griô – A reinvenção da roda da vida**. 2. Ed. Grãos de Luz e Griô, Lençóis (BA), 2006

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade Social e Estudo da Infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos (Org.). **Infância (In)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (Org.) **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 17-39.

SETTON, Maria Graça Jacinto. Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 711-724, dez. 2011.

SILVA, Jonatan dos Santos; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. “Dos Vadios e Capoeiristas” à Emergência do “Esporte Genuinamente Brasileiro”. **Anais eletrônicos do VIII Encontro**

Estadual de História da ANPUH-BA. Feira de Santana, 2016. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Disponível em:
http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477694131_ARQUIVO_artigo_dejonatan.pdf

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição:** os capoeiras na corte imperial 1850-1890. Rio de Janeiro: Access, 1999.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. **Revista Valores Afro-brasileiro na Educação.** Boletim 22, nov. 2005. Brasília: MEC/Tv Futura.pp.30-37.

UNESCO. **Capoeira Patrimônio Imaterial da Humanidade.** Disponível em
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>. Acessado em: 07/04/2024.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, reexistir e re-viver. *In:* CANDAU, Vera Maria (Org). **Educação intercultural na América Latina:** entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.